

APRESENTAÇÃO

TRANSVERSALIZANDO: MÚLTIPLAS LINGUAGENS E PROLIFERAÇÃO DE SABERES

Maria dos Remédios de Brito¹
Belém, 02 de Janeiro de 2016

*São muitos os caminhos
E alheios os vizinhos!
São largas as estradas
E as distâncias erradas,
(...)*
(Fernando Pessoa)

Em agosto de 2015, recebi o convite generoso dos organizadores da *Revista Linha Mestra* para pensar um número que tivesse abertura pelos fios das Múltiplas Linguagens. Não pensei duas vezes, aceitei! Fiquei emocionada com o convite e ao mesmo tempo preocupada em como pensar o dossiê diante de uma temática tão grande que comporta tantas leituras... O processo de ruminação para a organização fez-me compreender que por sua amplitude era possível observar suas vantagens, pois a mesma abre a escritura e a linguagem textual aos encontros, às travessias, dando tessituras para uma proliferação de saberes percorridos pela diferença.

As conexões podem destacar possibilidades de aberturas para outros olhares sobre o que se vem produzindo, em outras regiões do Brasil... O que se pretende é não formar imagens fechadas, construir guetos, imprimir identidades, mas conectar vozes, sentidos, pensamentos, acionar movimentos, vibrações, sensibilidades, juntando a crítica, a cultura, a poesia, a educação, o cinema, a fotografia, por entre lugares, por entre becos, por entre margens, por entre rios e águas, que possam inventar modos de vida alinhados a outras sensibilizações. Abrir o “ovo do mundo” para fomentar partilhas...

Este número da *Revista Linha Mestra* vem afirmar o grande objetivo desse periódico que é multiplicar, proliferar e transversalizar com a mestiçagem da cultura, dos saberes e das linguagens em prol de contexturas coloridas.

Os acoplamentos vão criando pontos, redes de saberes, capazes de abrir hiatos e irrupções apropriados para emitir fissuras que possam, quem sabe, espantar os espectros da racionalização exacerbada que tende a minar e ruir mundos possíveis.

Transversizar! Esse é o objetivo desse dossiê que traz em sua editoração *especial* alguns pesquisadores do Norte do Brasil, especialmente, do Estado do Pará, além de outros colegas espalhados pelo país. *Transitar... acolher... proliferar... contagiar* o mundo de saberes abertos à vida.

Que os experimentos de escrituras, aqui presentes, encontrem leitores que possam efetuar a sua própria experiência de pensamento, de modo que libere pontos notáveis, gestações e partos que tenham como berço acolhedor a leveza, a inventividade.

Que o corpo do leitor seja minado pelo desejo. Abaixo, segue um resumo do que será encontrado nesta edição.

Luís Heleno Montoril del Castillo detaca em seu texto, *O Chão dos Lobos* uma leitura ousada sobre a obra de Dalcídio Jurandi. “A cidade dos lobos é um ânus”. “Não-se-assuste, o

¹ Professora da Universidade Federal do Pará.

cortiço, é uma das suas pregas onde delira Alfredo, de uma febre, dentro de uma rede-crisálida. Esse delírio é tal somente a intolerância ao poder de um Estado-lobo-alfa”.

Joyce Ribeiro, Lidia Sarges e Madna Pinheiro, em *Artefatos em miriti e a representação de corpos masculinos e femininos*, fazem “uma reflexão inicial sobre a representação do corpo masculino e do feminino em um artefato de miriti, a saber, a peça *casal de namorados* e/ou *casal de dançarinos*. (...) Um dos elementos da tradição bicentenária dos artefatos de miriti é a *produção generificada*, um processo organizado a partir da cultura de gênero, e que tem como efeito a modelagem e a montagem da peça *casal de namorados-casal de dançarinos*, cuja representação do corpo masculino e feminino segue o roteiro de gênero e sexualidade previsto”.

Edilena Maria Corrêa no texto *Cartografando saberes: por entre traços rizomáticos no currículo de ciências na educação de jovens e adultos* “traz uma discussão acerca do ensino de ciências que se baseia em teorias e práticas curriculares que negam ou desqualificam saberes dos grupos marginalizados, negando as possibilidades de uma educação em ciências que inclua os conhecimentos dos diversos grupos sociais.” O trabalho é realizado em Cametá/Pará.

Helane Súzia da Silva dos Santos e Maria dos Remédios de Brito, no texto *Bragança e a marujada: pedaços de imanência*, discorrem sobre a festa da Marujada na cidade de Bragança, localizada no Nordeste do Pará, como “uma manifestação cultural que resiste ao tempo abstruso do nosso presente e busca conservar a tradição do seu povo, como reivindicação de um espírito cultural”. O texto vem entrelaçando imagens e escrituras.

Manoel Neto em seu ensaio fotográfico-escrita *Tecendo um poema por entre blocos de imagens... blocos de vida... fotografia*, trabalha a fotografia da região paraense como imagem poética. Objetiva construir blocos de sensações que destaque a sensibilidade do olhar diante de um mundo que perde a cada dia a possibilidade de poetizar com as coisas simples.

Michelle Bastos da Cunha e Raphaella Marques de Olivera, em ensaio poético “*Minha buceta é o poder...*” afirmam a necessidade de “...uma política de sonho, urgente como o azul do céu”.

Flávia Cristina Silveira Lemos e Leandro Passarinho dos Reis Júnior, em seu texto *Deleuze, Foucault e o trabalho com documentos* afirmam que “fabricar arquivos seria produzir e fazer circular saberes como efeitos de um conjunto de forças que se enfrentam nas malhas das relações de poder”. Os autores fazem uma análise sobre “as relações entre saber-poder através da arqueologia e da genealogia”.

Thaís Cinegatto em seu texto, *Os livros da praça: diferentes leituras na alfândega-Porto Alegre/RS*, tem o intuito de trazer o universo polifônico circunscrito a este espaço urbano, a Praça da Alfândega, “palco de disputas de diferentes atores sociais, com seus estilos de vidas diversos e que, por conseguinte, coloca distintos sujeitos em diálogo, sejam eles os *habitantes* locais, os moradores, os transeuntes, os comerciantes, a mídia e o Estado”.

Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco em seu texto, *Os discursos de crianças sobre as questões de gênero no trabalho docente e no magistério*, “apresenta alguns resultados da pesquisa realizada no Mestrado em Educação, que investigou os discursos de crianças sobre a profissão e os gêneros na docência. Com o intuito de analisar por meio dos discursos das crianças os desdobramentos das questões de gênero no trabalho docente e no magistério. A perspectiva sóciohistórica, apreendeu às crianças, como sujeitos que se constituem sócioculturalmente pelas suas experiências, pelos lugares sociais que ocupam como meninos/as”.

Hugo Souza Garcia Ramos e Alexandre Rodrigues, no texto sobre *A conexão entre cinema e educação: por uma pedagogia das afecções* buscam “problematizar e delinear alguns

atravessamentos do cinema na educação - ver no que implica, suas prováveis consequências e reverberações. Buscando refletir sobre a dimensão pedagógica e educativa do cinema.”

Marcelo Valente de Souza, Paulo César Lopes e Thamiris Cristiane dos Santos Silva, no texto *Corpo e seus embaralhamentos... fluxos e outras sensações* dizem: “O corpo não é uma unidade homogênea, um sujeito, ou pessoalidade que engendra uma subjetividade centrada, enclausurada em um eu como unidade, de fato, as relações que emergem por meio desse corpo múltiplo, plural é polifônica. Nessa perspectiva, há o total afastamento de uma tradição racionalista, intelectiva e espiritualista, moralista, suprassensível para se pensar um corpo que passa pelo domínio dos afetos, do sensível, das paixões.”